

Creches Mais

A experiência com as creches na mesma gestão evidencia o desenvolvimento da tipologia escolar e era ainda consequência da vontade do ente solicitante, que desejava uma imagem para a edificação que a distinguisse em meio aos conjuntos de moradias precárias, de tal forma que criasse uma marca da ação do Estado no setor. A encomenda das creches era parte do Programa MAIS – Movimento de Ação Integrada Social da Bahia, em um total de 27 edifícios, destinados a acolher cerca de quatro mil crianças carentes. Tal iniciativa partiu do governo do Estado, na figura da primeira-dama, Yolanda Pires, que controlava a máquina assistencial e justificava a construção das novas creches, simples, sem sofisticação, porém com um modelo “bonito e humanizado”, que deveria ser facilmente identificável na paisagem¹.

As creches aproveitavam-se de grande parte dos componentes das escolas²[1], porém incorporam algumas reformulações estruturais que constituem a nova tipologia, destacadamente a cobertura, em abóbadas de argamassa armada, com dupla camada, de modo a melhorar o conforto térmico da edificação. O diferencial no caso das creches, além de formal, é construtivo, pois prescindia de peças pré-fabricadas de argamassa com função estrutural de viga. Tal conjunto estrutural era possível tanto em função da forma da cobertura quanto da adoção do partido exclusivamente térreo. Dessa maneira, o desenvolvimento de novos módulos pré-fabricados viria a constituir um vocabulário exclusivo para essas edificações, permitiria grande flexibilidade de organização interna, fácil ajustamento às condições de implantação e ainda uma unidade construtiva que tornaria essas edificações distintas das escolas³.

As cascas são interligadas por vergalhões rosqueados que permitem várias relações entre vãos transversais, balanços e distância longitudinal de apoios. As próprias abóbadas vencem vãos longitudinais que nunca ultrapassam 7,5 m, medida mais econômica dentro da modulação 62,5 cm, escolhida pelo arquiteto como a mais conveniente, considerando inclusive o tipo de armação disponível na FAEC. (...) as fundações sempre diretas recebem os pilares pré-moldados, espaçados entre si na modulação 1,875m (3 módulos), 2,50m (4 módulos), 3,125 (5 módulos) e 3,75 (6 módulos). Uma vez concretadas as juntas e após os pilares permanecerem escorados por apenas 24 horas, são depositadas as abóbadas. As juntas entre abóbadas e pilares também serão concretadas in loco, constituindo um conjunto estrutural monolítico⁴.

O seu fechamento lateral é idêntico ao das escolas (e semelhante ao desenvolvido em Abadiânia), assim como o sistema de suporte para a infraestrutura elétrica e telefônica – composto por perfis metálicos em U, fixados nas vigas baldrame e abóbadas. As placas de piso ainda são assentadas diretamente sobre a areia. Nas creches, o arquiteto avançou sobre o desenho industrial de mobiliário, projetando

¹ Cf. PEDREIRA, Lúvia. “Fábrica de Cidades. Estética da Repetição”. **Arquitetura e Urbanismo**, nº 20, Outubro/Novembro de 1988, p. 34.

² Cf. TRIGO, Cristina Câncio. **Pré-fabricados em argamassa armada**: material, técnica e desenho de componentes desenvolvidos por Lelé. São Paulo: FAU USP, 2009 (dissertação de mestrado), p. 37.

³ Idem, p. 88.

⁴ Idem, p. 35.

berços e móveis, luminárias, portas, janelas, bebedouros, placas de sinalização, de maneira a se integrarem melhor ao espaço projetado⁵.

As intervenções nas áreas precárias, através da implantação das escolas e creches, diversas vezes não se limitavam à construção do edifício, trazendo sempre em seu bojo a execução de serviços e obras complementares de infraestrutura local, de maneira que “antes de montar a creche, acabamos fazendo o canal de drenagem, o passeio da rua, enfim, a reurbanização numa faixa de favela.”⁶

Em relação à pesquisa técnico-constructiva e à abordagem sistêmica dos projetos municipais no período a cargo de Lelé, cabe apontar a conexão formal entre o projeto das creches e as passarelas, que utilizaram tanto a cobertura em abóbada quanto os tirantes e travamentos metálicos transversais de modo a garantir os vãos e balanços desejados nos beirais.

Ainda, cabe apontar a importância da pesquisa contínua entre tecnologia e forma desenvolvida por Lelé nesse caso – a bem dizer, a relação direta entre design e tecnologia, tratando a oportunidade de desenvolvimento de uma nova tipologia para explorar o potencial formal em função do seu desempenho estrutural. Trata-se aqui de aliar resistência e rigidez à forma mais esbelta – somadas ao bom desempenho da argamassa armada em peças estruturais e ainda, no caso dos elementos de cobertura, levando-se em conta sua resistência na presença de umidade⁷. Nesse sentido, o próprio Lelé aponta o destaque para esse projeto:

“Eu acho que a casca foi a estrutura mais econômica que se fez até hoje dessas peças em argamassa armada. (...) Dentre todas as experiências que eu tive com argamassa armada, (...) se eu tivesse que classificar, eu colocaria essas creches como a melhor experiência, a que poderia ter conduzido a um trabalho melhor⁸.

#creche

#abóbada

#argamassa armada

⁵ *Ibidem*, p. 37.

⁶ LIMA, João Filgueiras, in: PEDREIRA, Lívia. *Ibidem*, p. 35.

⁷ Cf. TRIGO, *op. cit.*, p. 130.

⁸ LIMA, João Filgueiras. Entrevista a TRIGO, Cristina, in: TRIGO. *Op. cit.*, p. 130.